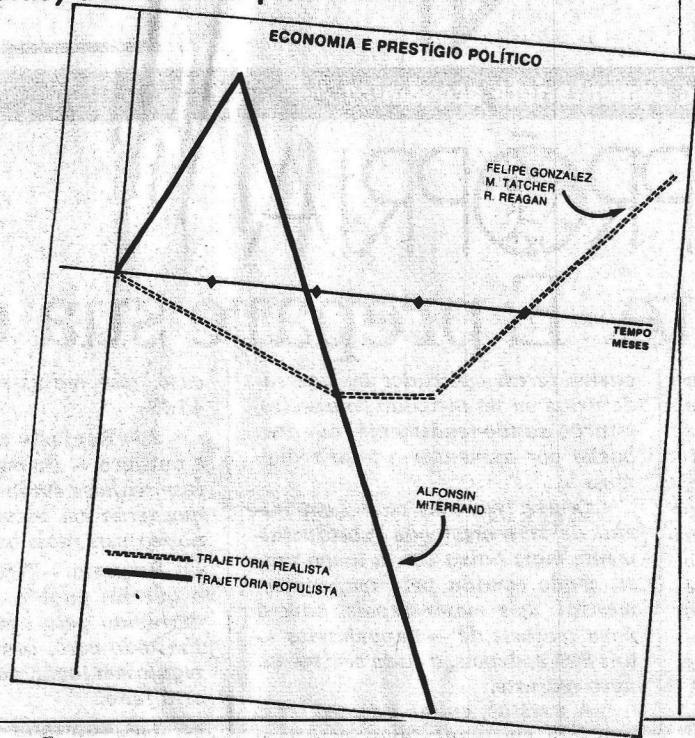


A rigidez vai continuar



Comparando a economia de Thatcher, Gonzalez e Alfonsín, Dornelles convenceu Sarney a manter sua política econômica.



Depois de várias semanas de indefinições, o presidente José Sarney acabou por deixar absolutamente claro, durante sua primeira entrevista coletiva, que o ministro da Fazenda, Francisco Dornelles, detém no momento a hegemonia na condução da política econômica.

A exemplo do que havia afirmado para empresários, num encontro na Granja do Torto, o presidente da República manifestou a convicção de que o crescimento sustentado da economia só poderá ocorrer mediante a redução do déficit público, que implicará declínio das taxas de juros e da inflação.

Significa, portanto, que a política monetária continuará rígida, com os juros elevados até que surjam os primeiros efeitos do ajuste estrutural que o governo delinear no setor público, com cortes tremendos por recomendação do FMI.

A princípio, a opção de política econômica de Sarney, pelo menos no momento, causou preocupação a líderes políticos e empresariais de seu convívio íntimo. Afinal, Sarney nunca fora ligado a economia e não tinha, até então, como optar pelo monetarismo ou pelo estruturalismo, escolas econômicas que se engalfinham em seu governo.

Além disso, havia a questão maior, política e social. Sarney, ex-presidente do partido do regime mi-

litar, necessita assegurar sua legitimidade perante a Nação. E não é pelo caminho da austeridade econômica que se consegue isso, como demonstra a teoria política.

Um assessor econômico, então, tratou neste final de semana de revelar o mistério. Na verdade, Sarney foi convencido por Dornelles de que a trajetória de sua política econômica é mais segura para o País, tanto em termos políticos como econômicos.

O Ministério da Fazenda preparou um gráfico (veja ao lado) demonstrando o resultado das políticas econômicas "realista" e "populista", recentemente implantadas em alguns países. Demonstrou que o prestígio de Alfonsín, na Argentina, chegou ao seu pico nos primeiros seis meses, quando resistia às imposições do FMI para cortar o aumento real de salários e o déficit público. Pelo contrário, no começo de governos como os de Felipe Gonzalez, na Espanha, e de Margaret Thatcher, na Inglaterra, onde desde o começo houve imposição do ajustamento para equilibrar a economia, esses governantes sofreram um relativo desgaste nos primeiros 18 meses.

E concluía o gráfico da Fazenda: hoje a situação mudou inteiramente. As propostas populistas resultaram em mais inflação e desem-

prego, enquanto onde foi imposto o ajustamento os primeiros resultados positivos começam a se fazer notar. Naturalmente, demonstra o gráfico, se alteram também as posições dos líderes perante seu eleitorado.

Assinala um assessor econômico que o Ministério da Fazenda procurou, até mesmo, comparar as promessas e os resultados da política de Alfonsín, por exemplo. Alfonsín prometeu, em fins de 1983, aumento real de salário, aumento de investimento público e de custeio, rejeição do acordo com o FMI e com os bancos, pagamento dos juros externos até o valor de 25% das exportações. Os resultados: inflação de 1.000%, desemprego, economia sob a monitoração do FMI, aumento de tarifas acima da inflação e reajuste salarial abaixo da inflação.

Enfim, Sarney foi convencido, também por empresários, de que não adianta tentar retomar artificialmente o crescimento econômico. Lembra um político que o presidente eleito Tancredo Neves, bastante ortodoxo em matéria econômica, sempre recomendava: primeiro equilibrar o caixa do governo, baixar a inflação. Depois, crescer e distribuir o bolo. Sarney, por enquanto, está aceitando essa receita.

Assis Moreira, da AE-Brasília.

*Economie
Brazil*